

FORMAÇÃO CONTINUADA	
Língua Portuguesa e Literatura / 2º Bimestre / 2ª Série	
Tutor: Juscena dos Santos Costa	Grupo: 02
Cursista: Márcia Cristina Coelho	

ROTEIRO DE ATIVIDADES ORIGINAL / VERSÃO REVISADA

TEXTO GERADOR I

Ostrechos seguintes foram extraídos de *O cortiço*, considerado por muitos o mais bem acabado romance naturalista. Essa história, que tem como personagens tipos sociais, e não propriamente pessoas, revela a genialidade com que Aluísio de Azevedo soube retratar as coletividades e as contradições entre exploradores e explorados, no Rio de Janeiro popular e urbano da 2ª metade do século XIX.

O cortiço

Capítulo I

[...]

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em **hasta** pública algumas braças de terra situadas ao fundo da **taverna**, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto.

[...]

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e **tinas** para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

Capítulo XIX

Daí a dias, com efeito, a stalagem metia-se em obras. À desordem do desentulho do incêndio sucedia a do trabalho dos pedreiros; martelava-se ali de pela manhã até à noite, o que, aliás, não impedia que as lavadeiras continuassem a bater roupa e as engomadeiras reunissem ao barulho das ferramentas o choroso falsete das suas eternas cantigas.

[...]

João Romão, agora sempre de paletó, engravatado, calças brancas, colete e corrente de relógio, já não parava na venda, e só acompanhava as obras na folga das ocupações da rua. Principiava a tomar tino no jogo da Bolsa; comia em hotéis caros e bebia cerveja em larga camaradagem com capitalistas nos cafés do comércio.

Capítulo XX

[...]

Logo adiante era o quarto de um empregado do correio, pessoa muito calada, bem vestida e pontual no pagamento; saía todas as manhãs e voltava às dez da noite invariavelmente; aos domingos só ia à rua para comer, e depois fechava-se em casa e, houvesse o que houvesse no cortiço, não punha mais o nariz de fora. E, assim como este, notavam-se por último na stalagem muitos inquilinos novos, que já não eram gente sem gravata e sem meias. A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro. Começavam a vir estudantes pobres, com os seus chapéus desabados, uma pontinha de cigarro a queimar-lhes a penugem do buço, e as **algibeiras** muito cheias, mas só de versos e jornais; surgiram contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria. Do lado esquerdo, toda a parte em que havia varanda foi monopolizada pelos italianos; habitavam cinco a cinco, seis a seis no mesmo quarto, e notava-se que nesse ponto a stalagem estava já muito mais suja que nos outros. Por melhor que João Romão reclamasse, formava-se aí todos os dias uma esterqueira de cascas de melancia e laranja. Era uma comuna ruidosa e porca a dos demônios dos **mascates**!

[...]

João Romão conseguira meter o sobrado do vizinho no chinelo; o seu era mais alto e mais nobre, e então com as cortinas e com a mobília nova impunha respeito. Foi abaixo aquele grosso e velho muro da frente com o seu largo portão de cocheira, e a entrada da stalagem era agora dez braças mais para dentro, tendo entre ela e a rua um pequeno jardim com bancos e um modesto repuxo ao meio, de cimento, imitando pedra. Fora-se a pitoresca lanterna de vidros vermelhos; foram-se as iscas de fígado e as sardinhas preparadas ali mesmo à porta da venda sobre as brasas; e na tabuleta nova, muito maior que a primeira, em vez de "Estalagem de São Romão" lia-se em letras caprichosas:

"AVENIDA SÃO ROMÃO"

Capítulo XXII

E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o "Cabeça-de-Gato" e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Scipione, 2004.(fragmentos)

algibeira: bolsa.
hasta: leilão.
mascate: vendedor ambulante.
taverna: loja modesta.
tina: vasilha de aduela ou de metal em forma de pipa serrada pelo meio.

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II

Entre os textos que circulam nos meios sociais, há aqueles que visam transmitir conhecimentos construídos por cientistas, com base em estudos e pesquisas. O leitor comum se informa sobre ciência lendo esses artigos de divulgação científica em seções específicas de jornais ou em publicações que trazem versões simplificadas de estudos, muitas delas com objetivo de divulgar curiosidades do mundo científico. Leia um desses textos.

Antepassados não tão distantes

Os chimpanzés sofrem quando perdem a mãe ou um amigo

Quando Darwin afirmou, no século 19, que somos descendentes de macacos, que temos mais a ver com criaturas peludas e barulhentas com rabos longos e dentes afiados do que com anjos celestes, os vitorianos ficaram ultrajados. Por 3.000 anos, a história que vinha sendo contada era diferente. Seríamos criação de Deus, quase tão perfeitos quanto ele. Não fosse a ousadia de Adão e Eva, estaríamos até agora passeando nus pelo Jardim do Éden, sem sabermos da existência do pecado original.

Muita gente ainda se ofende com a insistência dos cientistas em nos chamarem de macacos evoluídos. Mas deveríamos nos orgulhar de nossos antepassados, que encontraram meios de sobreviver em um ambiente austero e cheio de predadores.

Há 30 milhões de anos, babuínos, chimpanzés e humanos eram indiferenciáveis. Desde então, variações genéticas submetidas à pressão da seleção natural foram criando as diferenças que resultaram nos três primatas. Babuínos mostram uma grande sofisticação social, vivendo em grupos de aproximadamente 150 indivíduos que reúnem em torno de oito famílias.

Pesquisadores como Dorothy Cheney (nenhuma relação com o vice-presidente americano) e Robert Seyfarth, que passam longos períodos nas florestas de Botsuana, verificaram que babuínos, especialmente as fêmeas, desenvolvem fortes alianças familiares, defendendo membros da família em caso de desavenças com outros babuínos ou em ataques de predadores.

Para tal, os primatas desenvolveram meios de identificar seus parentes visualmente e por meio de vocalizações.

Não há dúvida de que o agrupamento dos babuínos exibe traços que podemos identificar na nossa sociedade. Quantas famílias têm um assobio especial que usam quando estão em lugares muito cheios?

Mas nossos parentes mais próximos são os chimpanzés, com quem dividimos 98,4% dos nossos genes. Jane Goodall, a pesquisadora inglesa que revelou ao mundo a sofisticação dos nossos primos, passou anos nas florestas da Tanzânia observando seu comportamento.

Diferentemente dos babuínos, a característica mais marcante dos chimpanzés não é o agrupamento, mas a sofisticação de seu comportamento.

Chimpanzés estão entre os poucos animais que usam ferramentas para efetuar tarefas. Cortam galhos longos para "pescar" formigas e cupins em troncos e cupinzeiros.

Como os babuínos, caçam em grupos e defendem seu território em ferozes guerras tribais. Como os humanos, sofrem quando perdem a mãe, o pai ou um irmão, ou quando um companheiro de longa data morre. Esses achados tornam difícil distinguir se somos um pouco macacos ou se os macacos são um pouco humanos. Certamente, eles nos remetem às nossas origens evolucionárias.

Recentemente, um experimento na Universidade de Kyoto, no Japão, comparou a memória dos chimpanzés com a dos humanos. Sequências de cinco números de um a nove foram mostradas a estudantes e chimpanzés por frações de segundo na tela de um computador. Após 650 milésimos de segundo, os números do monitor viravam quadrados brancos. O teste envolvia tocar os quadrados em ordem numérica crescente.

Tanto os estudantes quanto o chimpanzé acertaram 80% das vezes. Quando o intervalo baixou para 210 milissegundos, os humanos acertaram 40% das vezes e o chimpanzé 80%. Perdemos para um macaco. "Talvez", disse um dos pesquisadores, "nossa habilidade para contar atrapalhe". No mínimo, o experimento mostra que nossos primos são bem menos distantes do que pensamos.

MARCELO GLEISER é professor de física teórica no DartmouthCollege, em Hanover (EUA), e autor do livro "A Harmonia do Mundo"

(Folha de S. Paulo, 25/5/2008. Licenciado pela Folhapress)

[TRECHO REMOVIDO]

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6:

Lembrando que **crase** é a fusão da preposição a com o artigo definido feminino a, marcada na escrita pelo uso do acento grave, justifique a ausência e a presença do acento grave, portanto a ocorrência e a não ocorrência da crase, nos trechos seguintes:

- “Desde então, variações genéticas submetidas à pressão da seleção natural...”
- “Como os humanos, sofrem quando perdem a mãe...”

Habilidade trabalhada

Identificar mecanismos linguísticos no uso da regência e da crase.

Resposta comentada:

O aluno deverá ser capaz de inferir que a presença da crase, no primeiro trecho, deve-se ao fato de o verbo submeter (nesse contexto) ser transitivo indireto e exigir um complemento preposicionado. Como esse objeto é formado também por um substantivo feminino (pressão, determinado pelo artigo a), ocorre crase da preposição com o artigo. No segundo trecho, não ocorre crase, pois o verbo perder é transitivo direto (com complemento não regido por preposição), portanto o a diante do substantivo mãe é apenas um artigo definido.

Palavras-chave: Artigo de divulgação científica – mecanismos linguísticos - crase

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Modena, 2008 3 v. p. 455-458.

CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. Viva Português. São Paulo: Ática, 2010. 2 v. p. 41-43.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. Português Linguagens: Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2010. v.3. p. 201-205.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. Português: literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, 2010. 3 v. p. 385-387.

Registro dos resultados pedagógicos decorrente da implementação do Roteiro de Atividades:

Antes de dar início ao trabalho com o Roteiro de Atividades, foram exibidos para os alunos alguns vídeos sugeridos pela plataforma. Os vídeos abordavam o contexto histórico do ciclo antirromântico, enfatizando o surgimento das correntes científicas que nortearam a produção literária dos escritores naturalistas.

Como sempre costumo fazer, dividi o trabalho com o RA em duas etapas. Na primeira etapa trabalhei com as questões de leitura e uso da língua, na segunda etapa, a produção textual.

Diferentemente do que havia feito no ciclo anterior, apliquei as atividades da primeira etapa (questões de leitura e uso da língua) individualmente, porém, a leitura dos textos foi feita de forma compartilhada (cada aluno leu 1 ou 2 parágrafos). Esse trabalho foi bem produtivo, percebi que os alunos estavam mais motivados para o tema, depois da exibição dos vídeos. Também não tiveram grandes dificuldades para compreender os textos, conseguiram entender melhor os comandos das atividades, e no geral, apresentaram menos dificuldade e, consequentemente trabalharam de maneira mais autônoma.

Já na segunda parte (produção textual) o que mais atrapalhou foi o pouco tempo disponível para a realização da tarefa, pois de todas as produções textuais até aqui realizadas, foi, sem dúvida, a que mais despertou o interesse dos alunos. Temas científicos despertam mais a atenção, pois provocam a curiosidade acerca de diversos

assuntos e, como nossos jovens vivem em um mundo em que precisam estar sempre “antenados” com as inovações científicas e tecnológicas, sabem da necessidade de se manterem sempre atualizados. Ao término da atividade(realizada em grupo), os melhores textos foram expostos em um mural.

Achei de fundamental importância para a minha prática docente o RA e as OP apresentadas pelo curso que facilitaram muito o meu trabalho na motivação de meus alunos para o tema. As trocas de experiências e ideias que os fóruns propiciaram, também contribuíram muito para tornar minhas aulas mais dinâmicas e o resultado obtido, no geral, foi bastante satisfatório.